

NARRATIVA COMO FONTE HISTÓRICA: detrás da história da escola “Vale do Rio Doce”

SEBASTIANA APARECIDA MOREIRA*
NÍVEA OLIVEIRA COUTO DE JESUS**
MARIA ZENEIDE C. M. DE ALMEIDA***

Resumo: Este artigo faz parte do estudo científico desenvolvido por meio do Programa de Pós Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC), sobre a temática História e Memória da escola rural “Vale do Rio Doce”, constituída num assentamento a partir do movimento dos trabalhadores rurais em terra (MST). Um dos objetivos da pesquisa de doutoramento sobre a escola “Vale do Rio Doce”, consistem em reunir narrativas que engendraram a trajetória dos sujeitos, como por exemplo, o antigo dono da terra e os atores que constituíram a escola. O recorte pauta-se no período de 1991 a 2010. Contudo este texto propõe apresentar uma biografia resumida do antigo dono da fazenda, levando o leitor num período anterior a formação da escola. Será narrada a história de vida do senhor Yoshiaki Saeki, na voz de sua filha.

Palavras- chave: História; Memória; Narrativa.

Aportes

Como aporte teórico este texto empregou pressupostos metodológicos da História Oral¹. Neste caso específico, a história oral se valeu de narrativas recortadas, pois a história foi reconstruída por sua filha, prestando um testemunho indireto justificado pelo falecimento do pai.

Meihy e Ribeiro (2011), afirmam que muitas vezes é comum a referência a narrativa de vida de pessoas falecidas, distantes ou que já se ouviu falar, para abordar

* Doutoranda em educação pela PUC-GO.

**Mestra em Educação pela PUC-GO.

***Doutora em Educação e professora na PUC-GO.

Agência Financiadora: FAPEG.

¹ A História Oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber. (DELGADO, 2010, p. 44).

episódios dessas vivências. As narrativas recortadas são admitidas, uma vez que narrativas de história de vida, serão testemunhados por outrem.

Lopes e Ciocari (2013) apontam que desde meados do século XIX multiplicaram-se os estudos sobre biografias, autobiografias e narrativas, invocando tanto as peculiaridades das trajetórias individuais como a forma pela qual anunciam pertencimentos sociais. Emergem daí abordagens tais como a de Daniel Bertaux (1999, p. 98) que propõe considerar as biografias:

Não como relatos de vida, mas como relatos de práticas, entendendo que a interpretação deve se concentrar não sobre a vida como objeto do qual se procuraria extrair o sentido, mas sobre as relações sociais e interpessoais.

Os relatos vida, para além do caráter de história pessoal, descrevem num universo social, revelando a intenção entre o eu e o mundo (BERTAUX, 1999).

Na conhecida crítica à “ilusão biográfica”, Bourdieu considerava ser mais adequado o conceito de trajetória, definindo-a como “uma série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo agente ou mesmo grupo num espaço ele mesmo em devir e submisso a incessantes transformações” (BOURDIEU, 1986, p. 72).

A noção de trajetória refere-se segundo Bourdieu (1983) à atualização do *habitus*² através das conjunturas que o sujeito atravessa.

Howard Becker, como outros autores, adota a noção de história de vida, cuja característica essencial é a possibilidade de apresentar os atores a partir de sua própria perspectiva. Para ele a história de vida compartilha com a autobiografia “sua forma narrativa, seu ponto de vista na primeira pessoa e sua postura abertamente subjetiva” (BECKER, 2007, p. 102).

Como exemplo, dos diferentes usos dos relatos de memória e do biográfico o antropólogo Oscar Lewis (1969), após intenso trabalho de investigação entre camadas

² [...] consiste em uma matriz geradora de comportamentos, visões de mundo e sistemas de classificação da realidade que se incorpora aos indivíduos [...] (BOURDIEU, 1983, p. 75).

populares no México, optou por descrever um dia na vida de cinco famílias. Oscar Lewis (1969, 1969, p. 21) considerava que cada “família apresentada era única e constituía um pequeno mundo”, refletindo a seu modo algo da cultura mexicana que mudava e deveria ser lida sobre o pano de fundo da história recente do país. Seus estudos sobre autobiografia e biografia familiar inspiraram pesquisadores como Sidney Mintz e June Nash.

Em pesquisa com trabalhadores na cana-de-açúcar em Porto Rico, Mintz (1979), descreveu sobre a história de Don Taso que se recuperava de um câncer quando passou ele mesmo a registrar detalhes de sua trajetória. Já Nash fez um estudo biográfico em coautoria com Juan Rojas em 1976, de um mineiro boliviano, que passou a escrever sua história num período em que estava afastado do trabalho por causa da pneumoconiose³.

No Brasil recentemente foi publicada a obra⁴ escrita pelo camponês Franciso Blandes Sousa Barros, narrando o conflito pela terra na fazenda Japura, no Ceará, no começo dos anos 1970. Blandes se debruçou sobre suas memórias e começou a reconstruir as lembranças do conflito de Japura quando se recuperava de uma enfermidade (Cioccarri e Della Torre, 2013, p. 43-48).

Diante do exposto revela-se que trajetória da pesquisadora, cruza com a história de vida do senhor Yoshiaki Saeki, envolve aspectos de vínculo empregatício e afetivo em certa medida. Os pais da pesquisadora trabalharam por quinze anos na fazenda, como caseiros⁵. E identificar como a escola foi constituída na antiga fazenda, e sua importância para aqueles *locus*⁶, conduz parte dos estudos doutorais.

³ Doença decorrente de inalação do pó de carvão.

⁴ Trata-se do segundo volume da coleção “Camponeses e o Regime Militar”, projeto conjunto entre PPGAS/ Museu Nacional/UFRJ, o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), o Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD) / Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH).

⁵ Mãe: cozinheira. Pai: cuidador da porta: que envolvia tratar das criações: aves e suínos; hortas e pomares.

⁶ Assentamento Rio Verdinho: localização da escola “Vale do Rio Doce”.

Neste sentido esta narrativa se constrói a partir do encontro com a filha do senhor Yoshiaki Saeki, residente no município de Rio Verde. O encontro se deu posterior a uma visita, onde foram esclarecidos os objetivos, bem como o pedido de consentimento e colaboração com a pesquisa. Feito isto, retoma-se a narrativa. Ressalta-se que o senhor Yoshiaki Saeki faleceu no dia 10 de outubro de 2014.

Assim as histórias de vida são fontes primorosas na reconstituição da trajetória de sujeitos, ambientes, mentalidades da época, modos de vida e costumes de diferentes naturezas (DELGADO 2010).

Para facilitar o entendimento da narrativa este texto será apresentado na primeira pessoa, ou seja, na fala da filha.

As fotografias são utilizadas neste texto para consubstanciar as narrativas. Pode-se afirmar que os usos tradicionais das fotografias lastreadas pelas fontes textuais servem como documento complementar para a construção da narrativa de cunho positivista, baseada no encadeamento factual e biográfico (COSTA, 2004). O que não exime os usos sociais e historiografias que este fonte possui. Neste texto, não está em pauta fazer análise das fotografias, o que demandaria outro olhar.

A vida no Japão

Meu pai nasceu em 12 de outubro de 1938, em Nagasaki, no Japão.

O meu avô faleceu quando meu pai tinha apenas três anos, decorrente de doença hepática.

Quando meu pai estava com oito anos de idade, a família passava por várias dificuldades devido ao fim da Segunda Guerra Mundial.

Foi assim que ele insistiu muito a vinda para o Brasil juntamente com minha avó e minha tia.

No Brasil: em São Paulo

Depois de longa insistência com a mãe, meu pai conseguiu o que queria: vir para o Brasil. À história é meio interessante.

Minha avó se casou com meu avô no Japão onde ele acabou falecendo após alguns anos por doença hepática, ficando viúva teve que trabalhar para cuidar dos filhos, meu pai e minha tia, trabalhando nos Correios como telegrafa durante a Segunda Guerra Mundial.

Após o término da Guerra, meu pai insistiu muito a vinda ao Brasil. Havia um amigo de família que estava no Brasil, e ele soube que o Sr. Furukawa, um antigo conhecido, sempre quis se casar com ela no Japão antes dela se casar com meu avô.

Esse amigo enviou uma carta para minha avó perguntando se ela gostaria de vir ao Brasil. Ela aceitou e veio com os filhos e se casando com o Sr. Furukawa, que também era viúvo na época com seis filhos, e criaram todos juntos como irmãos.

Em São José dos Campos, onde ele começou a plantação de batatas e arroz. Foi aqui que meu pai aprendeu a lidar com a terra e ter o gosto pela agricultura.

Desde que chegou ao Brasil, ele já iniciou o trabalho na lavoura. Ele trabalhava como funcionário em uma fazenda em Quiririm, região do Vale do Paraíba, se tornando agricultor. Cultiva batatas e arroz.

Vida social

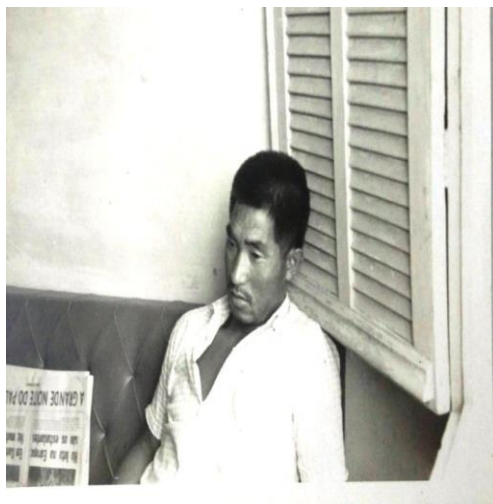


Foto 01

Foto 01

Foto tirada em São José dos Campos/SP, em 1971, na sala de sua residência, onde ele lia seu jornal diariamente, costume o qual preservou todos os dias, incluindo vários livros. Nos últimos dias de sua vida, não pode ler mais, por motivo de doença, o que o deixava muito frustrado e triste. Encontramos em sua agenda uma lista de livros os quais gostaria de ter lido. Sempre foi muito culto e interessado em tudo que se referia à agricultura, política, e história em geral.

Foto 02

Ele gostava muito de viajar, esta foto foi tirada em Aparecida do Norte.



Foto 02



Foto 03

Foto 03

Meu pai participava de torneios de karate, nas cidades do interior de São Paulo.

Esporte que aprendeu ainda no Japão.

Ele é o terceiro da esquerda para direita.

Era faixa preta na modalidade.

No ano de 1965 ele tirou o certificado de naturalização brasileira que consta data de 02 de junho.

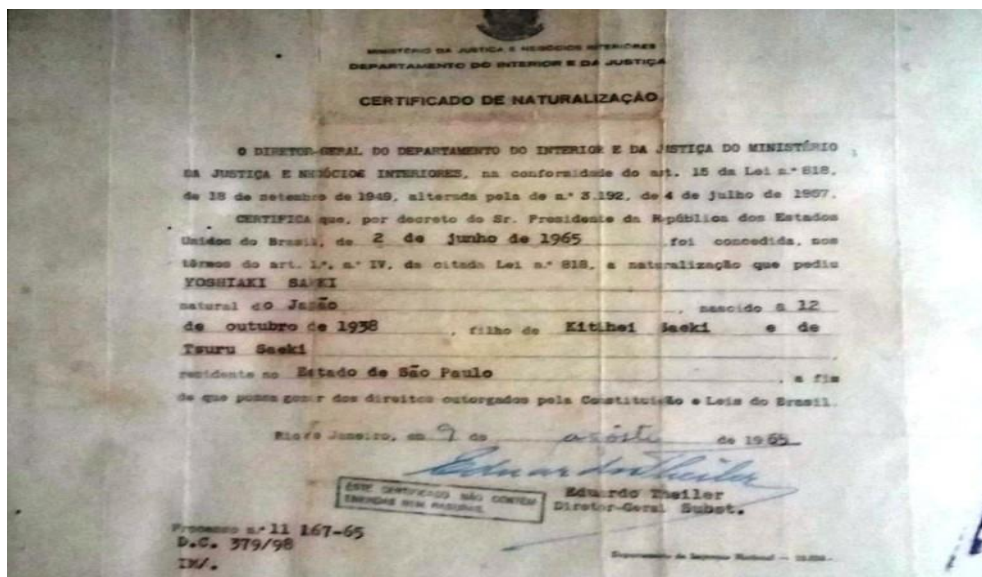


Figura 01: certificado de naturalização- arquivo pessoal da entrevistada.

Este documento conferiu ao meu pai o direito de gozar os direitos outorgados pela Constituição e leis do Brasil.

Em Taubaté, São Paulo, ele se casou em 5 de julho de 1969 com minha mãe, tiveram duas filhas. Eu e minha irmã. Eu sou a mais velha.

A vinda para Goiás

Meu pai veio para Goiás, porque ele queria ter outras oportunidades e expandir profissionalmente. E aqui as terras eram baratas e acessíveis na época, e ele viu aqui a oportunidade para realizar seu sonho. E ele gostou muito da região, negociou as terras e inciou o trabalho, era cerrado, juntamente com os sócios dele e o M. Sato, você se lembra dele?! Ele o ajudou muito quando no início. Essa área de terra que ele comprou aqui em Goiás e ficou até quando ele perdeu tudo para o MST. Minha mãe, eu e minha irmã ficamos lá em São José, porque nós estávamos estudando, e minha mãe continuou cuidando da área lá, era uma área pequena, com poucos funcionários.

Não havia telefone em nossa casa e foi uma época bem difícil. Nós mesmos não chegamos a vir com ele. Vieram os sócios e ele, juntamente com uns dois ou três

funcionários e um pedreiro para começar a construir. Que eu me lembre foi assim que começou.

Para encurtar a saudade eu acredito que meu pai ia para cidade, onde ele ligava na casa de algum parente, que nos avisavam e podíamos falar com ele, e assim foi por uns meses até podermos ter um telefone em casa, para resolver problemas de trabalho e também poder se comunicar com a família.

Ele fez várias viagens para Goiás e Minas Gerais, procurando terras e em 1974 veio para Rio Verde- Goiás, mas continuou plantando em São José dos Campos por um tempo. Ele veio com M. Kamata e K. Akatsu.



Foto 04

Foto 04

Nesta foto meu pai e funcionários estão abrindo valetas numa área de várzea para a drenagem da água.



Foto 05

Foto 05

Meu pai na plantação de arroz em Rio Verde. (o primeiro da esquerda para a direita.).

Primeiro ano de plantio em Rio Verde- GO.



Foto 06

Foto 06

Ano 1984.

Meu pai está em cima da colheitadeira, colhendo a soja.

Ele havia feito um grande investimento em maquinários.

Era uma área de grande produtividade.

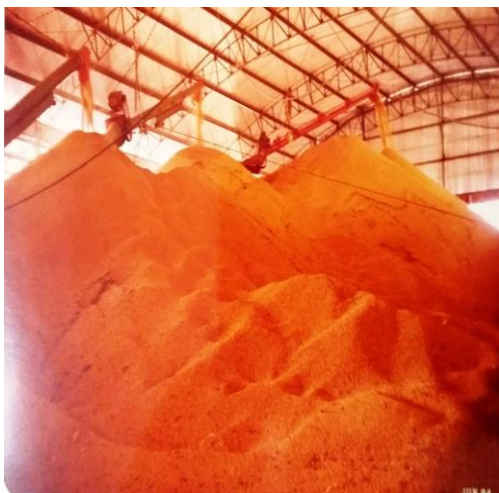


Foto 07

Foto 07

O ano era 1984.

Esta foi uma parte da produção de soja da fazenda.

Meu pai construiu dois grandes armazéns para armazenar os grãos. E também um silo. Foi um grande produtor de grãos e um grande empregador do município.

Se não me engano, este é o galpão onde hoje está funcionando a escola.



Foto 08

Foto 08

Esta foto foi tirada no ano de 1986.

Por ser uma foto aérea, foi registrado apenas a parte da sede da fazenda.

Inclusive a parte pequena do telhado que aparece na foto, do lado direito, foi o primeiro prédio onde funcionou a escola.



Foto 09

Foto 09

Este dia era um Dia de Campo na fazenda.

Meu pai sempre foi um incentivador de pesquisas e melhorias na área da agropecuária.

Foram épocas de muito trabalho e histórias que marcaram nossas vidas.

Nesta foto aparece você Tiana, de camiseta azul. Você está ao lado da minha mãe.

Acredito que este é o ano de 1986.

Testemunhou-se aqui uma mudança não apenas econômica na vida do senhor Yoshiaki Saeki, mas em outras áreas de sua vida. Enfim, traduzindo em termos já assinalados por Delgado (2010, p. 22), pode-se captar o “substrato de um tempo” a partir da entrevista, que forneceu elementos compositores para narrativa.

A entrevista ocorreu no dia 4 de março de 2016, na residência da filha do senhor Yoshiaki Saeki. Ele estava morando com ela há algum tempo. Em decorrência doença, o pai ficou sob seus cuidados até os últimos dias de vida. Faleceu em casa, acamado.

Essa narrativa se transformou pelo movimento peculiar da arte de contar, de traduzir em palavras para o registro da memória como estilo de transmissão de geração a geração das experiências mais simples da vida cotidiana e de alguns dos eventos que marcaram esta família. A narrativa então, conforme Delgado (2010), é suporte da identidade coletiva e do reconhecimento do homem como ser no mundo.

Considerações

Este artigo propôs apresentar a narrativa como fonte de pesquisa. As narrativas contêm em si força ímpar para a contribuição deste projeto de pesquisa história e memória da escola “Vale do Rio Doce”. Assim tentasse reconstruir partes da biografia do senhor Yoshiaki Saeki, a partir da narrativa de sua filha. Tem importância esta narrativa, porque antes esteve naquele *lócus* sujeitos que construíram sua história de

vida. A escola não surgiu do nada. Entrecruzam-se memórias, histórias, que estarão presentes na produção de fontes orais, analisadas nas tessituras das narrativas que ão de vir.

Referências

BARROS, Franciso Blaudes Sousa. Japuará: um relato das entranhas do conflito. Brasília: MDA, 2013.

BECKER, Howard S. Segredos e truques da pesquisa / Howard S. Becker; tradução, Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica, Karina Kuschnir. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BERTAUX, Daniel. El enfoque biográfico: su validez metodológica, SUS potencialidades. Propositiones, p. 1-23, 29 marzo 1999.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. Actes de La Recherche em sciences sociales, 62-63, juin, 1986.

BOURDIEU, Pierre. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

CIOCCARI, Marta; DELLA TORRE, Djane. Introdução: Blaudes, o camponês reconta a história. In: BARROS, Francisco Blaudes Sousa; CIOCCARI, Marta (Org.) Japuará: um relato das entranhas do conflito. Brasília: MDA, p. 43-48, 2013.

COSTA, Helouise. A fotografia moderna no Brasil. São Paulo, Cosac Naify, 2004.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral – memória, tempo, identidades. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

LEWIS, Oscar. Antropologia de La pobreza: cinco famílias. México: Fondo de Cultura Económica, 1969.

LOPES, José Sérgio Leite; CIOCCARI Marta. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MINTZ, Sidney. Worker in the cane: a puero rican life history. New Haven: Yale University Press, 1960.

NASH, June; ROJAS, Juan. He agotado mi vida em La mina: autobiografía de um mineiro boliviano. Buenos Ayres: Nueva Visión, 1976.

Fonte oral

REHN, Saeki Cláudia. Entrevista concedida em 04/03/2016. (60 min.). Nasceu no dia 30/05/1970 no município de São José dos Campos-SP. Filha do senhor Yoshiaki Saeki.

Fotografias

Fotos de numeração:

01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09- pertencem ao arquivo pessoal de Claudia Saeki Rehn.